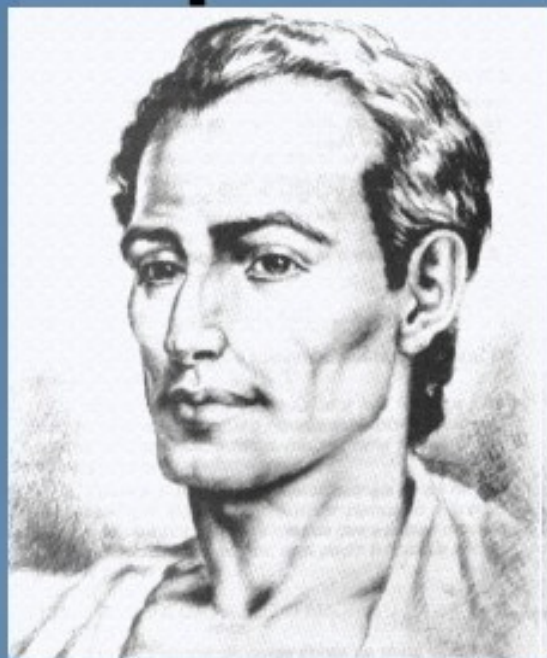


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO LXXII – Essas outras crianças

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXII)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicada em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXII)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo LXXII – Essas outras crianças	O Consolador	04
Complementos		
O anjo da Guarda	O Consolador	05
Quando a violência começa	O Consolador	08
A paciência	O Consolador	11

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXII)

Essas outras crianças **Reunião pública 16 / 10 / 1959** Questão 383

Quando abraçares teu filho, no conforto doméstico, fita essas outras crianças que jornadeiam sem lar.

*

Dispões de alimento abundante para que teu filho se mantenha em linha de robustez. Essas outras crianças, porém, caminham desnorteadas, aguardando os restos da mesa que lhes atiras, com displicência, findo o repasto.

*

Escolhes a roupa nobre e limpa de que teu filho se vestirá, conforme a estação. Todavia, essas outras crianças tremem de frio, recobertas de andrajos.

*

Defendes teu filho contra a intempérie, sob teto acolhedor, sustentando-o à feição de joia no escrínio.

Contudo, essas outras crianças cochilam estremunhadas, na via pública, quando não se distendem no espaço asfixiante do esgoto.

*

Abres ao olhar deslumbrado de teu filho os tesouros da escola. E essas outras crianças suspiram debalde pela luz do alfabeto, acabando, muita vez, encerradas no cubículo das prisões, à face da ignorância que lhes cega a existência.

*

Conduzes teu filho a exame de pediatras distintos, sempre que entremostre leve dor de cabeça.

Entretanto, essas outras crianças, minadas por moléstias atrozes, agonizam em leitos de pedra, sem que mão amiga as socorra.

*

Ofereces aos sentidos de teu filho a festa permanente das sugestões felizes, através da educação incessante.

No entanto, essas outras crianças guardam olhos e ouvidos quase sempre sintonizados no lodo abismal das trevas.

*

Afaga, assim, teu filho no trono familiar, mas desce ao pátio da provação onde essas outras crianças se agitam em sombra ou desespero e ajuda-as, quanto possas!

*

Quem serve no amor do Cristo sabe que a boa palavra e o gesto de carinho, o pedaço de pão e a peça de vestuário, o frasco de remédio e a xícara de leite operam maravilhas.

*

Proclamas, a cada passo, que esperas, confiante, o esplendor do futuro, mas, enquanto essas outras crianças chorarem desamparadas, clamaremos em vão pelo mundo melhor.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXII)

O anjo da guarda

Gilberto era um menino muito arteiro. Não era mau, mas vivia sempre pregando peças nas pessoas, provocando confusão na escola e assustando os irmãozinhos em casa. Perto dele, ninguém tinha paz.

Quando entrava num lugar era recebido de má vontade porque todos já sabiam que alguma ele iria, aprontar.

Dona Dalva, sua mãe, preocupava-se com o comportamento do filho, que não conseguia modificar.

Certo dia, conversando com uma amiga espírita, a mãe de Gilberto desabafou dizendo não estar mais aguentando as reclamações que lhe chegavam de todos os lados: dos vizinhos, da escola, dos parentes e dos amigos.

— Por que não experimenta mandá-lo às aulas de Moral Cristã no Centro Espírita do qual faço parte? — sugeriu a amiga.

— Será que adianta? — retrucou a mãe, em dúvida.

Com um sorriso sereno a amiga ponderou:

— Não custa experimentar! Você nada tem a perder, não é? Verei o que posso fazer.

Dalva pensou um pouco e reconheceu que a amiga Neide tinha razão. Ela era de outra religião, mas na verdade não participava, e seu filho crescia sem nenhum conceito religioso.

— Está bem. Onde fica esse Centro Espírita? — perguntou.

Após anotar o endereço, despediram-se e cada qual foi tratar de suas obrigações.

No domingo, Dalva levou o garoto pontualmente no horário combinado. Algumas crianças, que já conheciam Gilberto da escola, torceram o nariz ao vê-lo, mas nada disseram.

Nesse dia a professora Neide iria, falar sobre o “Anjo de Guarda”.

— Vocês sabiam que todos nós temos um Espírito de Luz, alguém interessado em nosso bem-estar e progresso, a quem Deus deu a missão de nos guiar e orientar na vida? — perguntou ela.

Uma das crianças comentou baixinho:

— Então, o Anjo de Guarda do Gilberto deve ser um “diabinho”!

Ouvindo, as outras crianças caíram na risada, e Gilberto reclamou:

— Olha aí, professora, essa menina está dizendo que vivo acompanhado por um “diabinho”!

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXII)

A professora Neide colocou ordem na sala e repreendeu os alunos pelo desrespeito para com o novo coleguinha. Depois, explicou:

— Em primeiro lugar, é preciso que saibamos que “diabinho” não existe. O que existem são Espíritos imperfeitos, ignorantes e que gostam de brincadeiras e de nos causar confusões e pequenos aborrecimentos. São chamados de Espíritos “zombeteiros” ou “brincalhões”.

Sempre que eles estão perto de nós, nos fazendo companhia, é sinal de que não estamos agindo bem, porque é o nosso pensamento que os atrai. E quando isso acontece, o nosso Anjo de Guarda, que realmente nos ama e deseja o nosso bem, fica muito triste.

Gilberto prestava muita atenção no que a professora dizia. Ela falava de coisas interessantes e que ele desconhecia. Perguntou interessado:

— Quer dizer que existem mesmo “fantasmas”?

Os demais riram, divertidos, e a professora respondeu com seriedade:

— Não propriamente. Existem Espíritos de pessoas que já viveram aqui na Terra e que já deixaram o corpo material, desencarnaram, como dizemos. Na verdade, ninguém morre.

Somos todos Espíritos imortais, criados para o progresso, e Deus, que é nosso Pai, nos dará sempre oportunidades para aprender e evoluir. Aqueles que já deixaram esta vida vão para o mundo espiritual, uma outra realidade que coexiste conosco sem que percebamos.

Assim, lá, como na Terra, uns são bons, outros indiferentes, malvados, estudiosos, brincalhões, e assim por diante.

Gilberto meditou um pouco, preocupado, depois perguntou:

— Então, meu avô também continua vivo?!...

— Sim, sem dúvida. E continua gostando de você do mesmo jeito, Gilberto, e certamente acompanha seu desenvolvimento com interesse.

Envergonhado, Gilberto baixou a cabeça e não disse mais nada.

É que o avô era alguém a quem ele muito amava. Sofrera bastante com a morte do avozinho querido e custara a aceitar o fato. Agora, sabê-lo vivo causava-lhe muita alegria, mas também o deixava apreensivo. Se o avô estava perto dele, não deveria, estar gostando do seu comportamento.

Terminada a aula, Gilberto retornou para casa e sua mãezinha já percebeu a mudança no filho.

Na hora do almoço o irmão mexeu com ele, e Gilberto não reagiu. Não perturbou ninguém nesse dia.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXII)

Na hora de dormir, a mãe o acompanhou ao quarto e notou, com surpresa, que ele fazia uma oração, coisa que não fazia parte dos seus hábitos diários.

— Obrigado, Jesus, por este dia e ajuda-me para que eu seja um menino bonzinho. Ampara o papai, a mamãe e os meus irmãozinhos, e que possamos todos viver em paz e alegria. Assim seja.

Sensibilizada, Dalva esperou que ele terminasse a oração e perguntou-lhe:

— Notei você muito pensativo hoje o dia inteiro, meu filho. Aconteceu alguma coisa?

Gilberto contou à mãe tudo o que aprendera na aula de evangelização e concluiu, arregalando os olhos expressivos:

— Já pensou, mamãe, como o vovô deve estar triste comigo? Não quero aborrecê-lo. Quero que se sinta orgulhoso de mim!

Surpresa com tudo o que o filho lhe contara, com os olhos úmidos de emoção, Dalva concordou com ele, agradecendo mentalmente a Deus o socorro que lhe enviara na pessoa da amiga Neide. A partir daquele dia, Dalva também começou a frequentar a Casa Espírita, reconhecendo a importância do conhecimento espírita para as pessoas e o bem que isso fizera a seu filho e a toda a família.

Tia Célia

Espiritismo para crianças, O anjo da guarda – Célia Xavier de Camargo

– O Consolador – Nº 417 – 07/06/2015

Quando a violência começa

A violência nunca se excedeu tanto como agora. Em nosso país, ela se generaliza de uma maneira cruel.

São de estarrecer as ocorrências de lesões corporais, de latrocínios e de alguns assassinatos, cometidos com tamanha frieza por jovens, que chegam a traumatizar uma nação.

“Onde foi que eu errei?”, perguntam-se os pais de delinquentes pobres da periferia e os dos que moram em condomínio de luxo.

Antigo estudo feito pela Universidade de Harvard, Estados Unidos, revelou a principal causa da violência.

Os especialistas concluíram que ela se inicia em lares onde haja pais cruéis ou omissos ou irresponsáveis que descurem de suas obrigações de educadores, que não acompanhem o desenvolvimento da criança, do adolescente, concedendo-lhes excessos de liberdade, de egocentrismo e de poder capaz de transformá-los em incendiários ou em espancadores de pessoas de condição humilde, e isso, infelizmente, já ocorreu em nosso país.

Pais usuários de drogas ou aqueles que permitem tudo aos filhos de modo direto ou indireto produzem adultos problema.

Filhos de pais permissivos, dos que deixam fazer tudo o que eles bem entendem, de casais que não se harmonizam, ou de pais separados podem dar desgostos à sociedade. Delinquentes infanto juvenis têm se queixado da indiferença de seus genitores ou da infância abandonada, das agressões físicas, do abuso sexual, fazendo essas vítimas fugirem de casa para, não raro, se transformarem em meninos ou meninas de rua sujeitos a sofrer muito mais constrangimento físico e moral.

Por esta ou por aquela razão, o fato é que está acontecendo uma série de barbárie a envolver jovens, adolescentes de todas as classes sociais em grandes ou em pequenos centros urbanos.

Educadores, psicólogos, médicos veem nas bebidas alcoólicas e outras drogas a mais grave das causas de toda essa violência que grassa irrefreável.

Críticos de comportamento, especialistas em educação e ensino acham que tudo se concentra na falta de normas preventivas imprescindíveis de algo que possa resultar em responsabilidade e cidadania.

Não cessam conceitos — Conceitos não cessam sobre o que ora deveria ter sido encarado face a face, na prática, sem abstrações.

Para quem opina a respeito, se trata de um caso de nossa realidade, aliás, tão complexa, que precisa ser melhor entendido por se tratar de gravíssimo problema social, haja vista a quantidade de gente que deseja o seu fim, de tantos clamores antiviolência em toda a parte.

O ideal seria o diálogo entre pais e filhos, sugerem os analistas, sobretudo, relativo a observações quanto a certos apelos da mídia.

Escrevi em uma outra matéria que a criança, o adolescente passam a maior parte do tempo diante de um aparelho de TV, em que alguns programas lhe apresentam o que não deveriam apresentar.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXII)

(1) Permissividade dos costumes, modelos de virtudes que não passam de soberba, falsa e perigosa noção de poder, de liberdade corrompem mentes infanto juvenis em crescimento.

Há quem tenha sugerido a melhora no sistema do ensino, incluindo a idéia de responsabilidade social nas escolas.

Segundo alguns, os educadores deveriam instruir indivíduos a respeito de seus direitos civis e políticos, mas também de seus deveres como cidadãos.

Sai governo, entra governo, e o Estado não corresponde ao que tanto dele se espera referente à devida recuperação dos menores infratores.

A educação deveria ser levada a efeito.

Estimular crianças e adolescentes a adquirir um juízo crítico seria uma saída no que concerne a excessos da sensualidade, ao culto ao corpo perfeito, a, anabolizantes, a, transgressões da Lei do Trânsito e à propaganda de alcoólicos que impinge suas marcas e mensagens com este objetivo: o negócio é consumir cerveja para se ser livre, feliz e bem-sucedido com o sexo oposto.

Em escolas, por que não mais palestras, mais encontros com especialistas que falem dos perigos das drogas, alcoólicas ou não?, por que não revisam as leis, o Estatuto da Criança e do Adolescente?

Vigorosa oficina — Essas e as outras medidas poderiam estimular o adolescente, o jovem a uma convivência saudável dentro de um clima de respeito mútuo, por sinal, pouco comum nas famílias.

Por outro lado, assim como disseram que a criminalidade começa em casa, nela pode-se dar início a uma vigorosa oficina de grandes conquistas sob a égide do amor no trato diário da assistência fraterna.

Sem dúvida, os cidadãos possuem todo o direito de exigir leis mais rígidas sem prerrogativas jurídicas em favor da impunidade.

Contudo, algo muito mais que isso, que transcende, precisaria ser levado em conta: a parte espiritual das criaturas.

Recomenda-se, além de outras medidas, diálogo, regras de limite, o bom exemplo paterno, uma religião.

Não se pode dizer que religião não ajuda.

Mas religião e religiões são coisas diferentes: estas não passam de institutos humanos, falíveis como os homens; aquela se trata de um profundo e sincero sentimento nobre capaz de ligar a criatura ao Criador...

“Educai as crianças, e não será preciso punir os homens”, disse Pitágoras.

Em O Livro dos Espíritos, destacamos um trecho que dá o verdadeiro sentido de educação:

... A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. (2)

O criminoso começa em casa, se você pensa que ser bom para o seu filho é terceirizar o encargo de educá-lo, de compensá-lo com pertences materiais, deixando-o à vontade para

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXII)

fazer o que der na veneta. Onde foi que eu errei...Quanto a isso, a excelsa e inigualável pedagogia espírita responde: “Ao deixar que se desenvolvesse na criança os germes do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade” (3) sem a força moral, exemplar de que nenhum pai e mãe jamais poderiam se eximir, independente da classe pobre, média, média alta ou rica.

Davilson Silva, Quando a violência começa – O Consolador – Nº 15 – 25/07/2007

Notas:

(1). Revista Internacional de Espiritismo, (abril de 07, pag. 140, Violência combina com mídia)

(2). Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (cap. 12, questão 917.)

(3). Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. 5, itens 4 e 5.)

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXII)

A paciência

Virtude muito necessitada de ser exercitada, mormente nos dias tumultuados que estamos vivenciando. As pessoas estão tendo muita dificuldade em manter a calma, gritando e se desequilibrando facilmente, diante de situações que, analisadas criticamente, não requereriam o grau de explosão emocional que acarretam.

O que sucede? Por que tamanhas variações? Notamos que o império da necessidade do ter, num consumismo enorme, abafa em muitas pessoas o “ser”.

Conversávamos, ainda hoje, com duas enfermeiras extraordinárias sobre a situação que estamos vendo nas famílias que atendemos. Os pais, numa agitação para ganhar dinheiro, estão deixando os filhos em creches, escolas, e alguns com avós. Atendemos uma avó exausta, com um netinho de quatro anos, outro de cinco meses, que ficam o dia todo com ela porque a mãe trabalha. A velhinha, queixando-se que não está dando conta e que a filha foi fazer um ultrassom, porque está suspeitando estar grávida de novo. Será mais um para ela cuidar, porque a filha trabalha o dia todo. Essas crianças ainda contam com a avó, mas e as outras milhares? Sem a família, sem noção de família, nas creches que dão instrução e não educação. Não passam os valores morais, não ensinam o que o pai e a mãe deveriam fazer e não estão fazendo: ensinar seus filhos a terem respeito, honra, honestidade e passar amor a eles.

As crianças estão tão carentes afetivamente, tão necessitadas de amor que estão tendo doenças psicossomáticas para chamarem a atenção dos pais. É dor na barriga, dor nas pernas etc. O médico faz todos os exames e está tudo normal. No fundo é um grito de socorro da criança. A doença é apenas um dizer: “Eu existo, preciso de carinho, de atenção”. E os pais correm atrás dos médicos quando deveriam é pensar em qual é o seu maior tesouro: o meu filho ou os bens materiais que estou ganhando...

Enquanto conversávamos sobre isso, as duas enfermeiras se olharam e uma apontou para a outra, porque se viram nessa mesma situação. Trabalham o tempo todo e quase não veem os filhos.

Precisamos dar atenção às crianças se desejamos um mundo melhor. Não satisfazer tudo o que querem. Isso não é dar atenção. Dar atenção é dar presença, abraçar, beijar, ensinar, mostrar que não se revida injúria com injúria, mas sim injúria com perdão. Exemplificar do melhor modo possível. Mostrar a arte da calma, da paciência, que está tão em falta hoje. Para mostrar, precisa-se viver, trabalhar essas virtudes na intimidade.

Tudo se deve viver com amor. Paciência é virtude que se conquista com esforço.

Que tal parar de reclamar?

Se nessa vida não há motivo para a sua dor, pense consigo mesmo que é uma lição preciosa de paciência que Deus lhe faculta, e fique resignado.

“A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos”, diz o Evangelho.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXII)

Exemplifiquemos. As crianças imitam o que veem, nos primeiros anos. Passemos a elas o melhor. Tenhamos calma, tenhamos paciência. Assim estaremos, edificando em nós a paz e, ficando um pouco mais com os nossos filhos, mostraremos a eles, pela nossa atitude, que a gentileza, o amor e a paciência ainda não caíram de moda, estão presentes e mais que nunca se fazem necessários.

Jane Martins Vilela, A paciência – O Consolador – Nº 365 – 01/06/2014